

O CORPO HUMANO ATRAVÉS DOS TEMPOS SOB ARGUTOS OLHARES DE PENSADORES

Elvira Lima Gentil¹

Resumo

Esse artigo foi realizado como parte das atividades de Conclusão para o curso de pós-graduação em *Estéticas Contemporâneas*, do Centro de Educação e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e tem como objetivo analisar as relações com o corpo, desde o nascimento até a morte, bem como as conseqüências dos regimes políticos e sociais impostas através da época e lugar em que esse corpo vive, sob o olhar arguto de alguns pensadores, em uma sábia análise filosófica sobre os tortuosos caminhos da crueldade e o domínio do poder sobre o mesmo.

Palavras-chaves: corpo humano; poder sobre o corpo; filosofia e o corpo humano.

Abstract

This article was conducted as part of the completion activities for the specialization course in *Contemporary Aesthetics* by the *Centre of Education, Philosophy and Theology* at *Mackenzie Presbyterian University* and aims to analyse the relationships with the body, from birth to death, so as the consequences of political and social regimes imposed by time and place where such body exists, under the keen eye of some thinkers, in a wise philosophical analysis of the tortuous paths of cruelty and dominance of power over it.

Key words : human body; power over the body; philosophy and human body

Introdução

Considerações sobre Mitologia, Literatura e a Guerra de Troia, enfatizando a morte como consequência de revoluções, das guerras, assim como de acidentes da natureza. Em seguida, na Idade Média, aparecem as mortes provocadas pelas disputas de poder.

Amparada pelo olhar de pensadores como Aristóteles, Nietzsche e Foucault, nos debruçamos na trajetória da Humanidade. Citando ainda Ingmar Bergman em seu memorável filme

¹ Elvira Lima Gentil, licenciada em Arte e Educação pela Faculdade Paulista de Artes e pós-graduada em *Estéticas Contemporâneas*, do CEFT da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Morangos Silvestres[1957], Shakespeare e seu valoroso *Rei Lear*[1606] e Simone de Beauvoir, com sua sábia literatura, denunciemos a crueldade e os preconceitos sobre a velhice.

Terminamos o trabalho com depoimentos de pessoas idosas e a nossa própria experiência diante da finitude humana.

Mitologia, Literatura e a Guerra de Tróia

Ao citar a Guerra de Tróia, como exemplo dos corpos perecidos, é necessário dizer que Tróia foi inspirada na lendária mitologia grega de onde se originou esta citação. Podemos afirmar que a mitologia grega teve fortes influências na cultura, nas artes e na literatura responsável pela desenvoltura de nossa civilização.

Para continuar falando sobre o corpo e sua destruição, citamos agora um capítulo da história, contada na tragédia grega de Eurípedes², *Ifigênia em Áulis*, assim como investigar momentos citados na *Ilíada* de Homero, quando, o Rei Príamo de Tróia vem à tenda de Aquiles para reclamar o corpo de Heitor, seu amado filho.

Na tragédia *Ifigênia em Áulis* há a descrição de um episódio doloroso da guerra, quando Agamêmnon decide oferecer sua filha, a virgem Ifigênia de 16 anos, aos desígnios dos deuses, sacrificando-a no altar da deusa Artemis, para que sua frota parada por falta dos ventos no porto de Áulis pudesse partir para Tróia. O sacrifício de Ifigênia traria os ventos, assim acreditavam todos. Por trás havia o interesse na grande fortuna de Tróia, em suas pedras preciosas e ouro maciço encontrados em abundância nas ruas, nas alamedas e nos palácios. E ainda pelo compromisso de buscar Helena, que foi raptada por Páris, filho mais novo de Príamo, que impensadamente a roubou, num descuido imperdoável de seu marido Menelau, o rei de Esparta. E uma mentira monstruosa acontece naquele dia, quando Ifigênia vem com sua mãe, enganada pelo pai, para realizar seu casamento com o bravo guerreiro Aquiles; na verdade ela veio para o sacrifício!

Ainda sobre o desaparecimento do corpo, massacrado nessa mesma guerra, vemos na venerável *Ilíada*³, o cântico do resgate do corpo morto de Heitor. Aquiles perdeu seu amigo e companheiro Pátroclo nas mãos dos troianos enfurecidos. Daí por diante Aquiles consegue perseguir e matar Heitor e, numa ira incontrolada, amarra o corpo de Heitor ao carro e em grande velocidade corre com a intenção de estraçalhar o corpo do inimigo. Um deus protetor de Heitor reveste seu corpo com camadas de ouro e o corpo permanece intacto, apesar dos três dias dando voltas e voltas em torno do túmulo de Pátroclo, seu venerável amigo. Os deuses aconselham o velho ancião Príamo a ir buscar o corpo do filho para a realização dos rituais fúnebres. Ele traz o resgate para Aquiles, num carro lotado de presentes valiosos. Ele consegue, com ajuda do deus Hermes, entrar na tenda de Aquiles e humildemente abraçar os joelhos do inimigo, reverenciando sua mãe, a deusa Tétis e seu pai, também ancião, que sozinho aguarda a volta do filho em seu palácio. Apesar da ferrenha inimizade entre os dois, eles conseguem estabelecer um contato cordial, amigável e Príamo leva o corpo de Heitor de volta para Tróia onde, por doze dias, foi honrado com as cerimônias fúnebres, digna do príncipe. A guerra de Tróia com suas perdas

²Eurípedes (480 - 406 a.C.), um dos grandes poetas trágicos da Grécia antiga, com inúmeras peças entre as quais *Ifigênia em Áulis*.

³*Ilíada*, poema atribuído a Homero, em 24 cantos, é uma obra-prima da poesia épica.

incalculáveis de vidas mostra-nos, mais uma vez, o que pode o mais forte fazer com os corpos dos mais fracos.

Exemplos incontáveis na história da humanidade evidenciam o sacrifício dos corpos por força da natureza e multidões que também pereceram pela truculência de quem detinha o poder.

Causas de mortes em consequência de eventos da natureza: Pompéia, Vulcões, Tsunamis

Verificaram-se também graves problemas produzidos pela natureza, que acabaram com muitos corpos vivos. Pompéia foi uma próspera cidade do Império Romano, desaparecida pela inesperada erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C. Com uma grande chuva de cinza a cidade foi encoberta e assim permaneceu durante 10 séculos e somente encontrada em 1748. As cinzas e lavras vulcânicas protegeram as construções e os corpos das vítimas. As escavações nesse sítio arqueológico possibilitaram conhecer a vida de uma cidade da Roma antiga. Essa cidade foi fundada no século VI ou VII a.C., e ela serviu de porto seguro aos marinheiros, gregos e fenícios. A cidade, agora descoberta, mostra a vida romana antes do vulcão que estava adormecido há muitos séculos e que a população acreditava estar morto. A erupção inesperada causou o pânico de 20 mil de pessoas das quais 16 mil pereceram. Pompéia era produtora de vinho e de azeite, e foram encontrados construções de casa de banho, teatro, igrejas e tudo que indicava ser uma cidade próspera.

Outro evento trágico provocado pela natureza é o tsunami, que são ondas gigantes que normalmente acontecem no oceano Pacífico, provocados por antigos sismos geológicos. Em 2008 tivemos uma grande onda dessas na Birmânia com o desaparecimento de centenas e centenas de corpos.

Uma história do Corpo na Idade Média: o corpo e a sexualidade

A sexualidade é o ápice da depreciação do corpo e da mulher subordinada:

"É verdade que, como lembra Jacques Rossiaud, os documentos em que se baseiam os historiadores refletem somente o pensamento dos homens que detêm o poder de escrever, de descrever e de depreciar, ou seja, os monges e os eclesiásticos que, devido a seus votos de castidade, eram largamente versados no ascetismo⁴".

As manifestações dos leigos já chegaram até nós pelos tribunais onde eles eram julgados, portanto sufocados por quem comandava. As manifestações são cerceadas e eles só querem se livrar de um julgamento penoso que possa condená-los à tortura ou a perda da vida. Portanto, nesse julgamento a verdade pura não aparecerá. No casamento era permitida por lei a cópula com a finalidade de procriação. As manifestações dos desejos sexuais eram suprimidas reprimidas e mesmo os homens não podiam ter desejos ardentes, mostrando que a prática fora dos padrões era condenada. A mulher devia ser sempre passiva e o homem ativo, porém sem exageros.

⁴GOFF, Jacques le & TRUONG, Nicolas. *Uma História do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2012.

Um fato histórico tenta romper com essas leis tão duras. Abelardo⁵, (1079-1142), pensando em sua Heloisa, declara que na cama os direitos dos corpos são iguais. Numa cultura milenar e até mesmo na cultura contemporânea, o homem é o "possuidor" e muitos, ao longo dos séculos, afirmaram que o homem é o proprietário do corpo da mulher, portanto com direitos legais para dele fazer uso quando assim o desejar. Os teólogos afirmavam que a prática sexual, sem a finalidade da procriação, era pecado mortal. A sodomia era inaceitável; o homossexualismo era condenado, embora a história revele a prática "gay" entre os clérigos nos mosteiros. A igreja proibia a luxúria, a fornicação e quando as pessoas eram condenadas tinham suas penas a serem cumpridas: "dez dias a pão e água, açoites, prisões e até a morte".

Essas leis foram abrandadas pelo papa Gregório VII, enquanto ele exerceu o papado (1073-1083). Então, surgem algumas ressalvas no comportamento sexual dessa época. "A virgindade" era considerada "a castidade". Uma mulher virgem era respeitada e admirada pelos homens. A viúva também era considerada casta. Apareceram também algumas orientações para os homens. No manual do bispo de Worms, no início do século XI, consta a pergunta: "Você acasala por trás, à maneira dos cães?" Ou então, "não deitar com mulher menstruada, nem antes do parto ou no dia do Senhor". Eram proibidas a felação, a sodomia, a masturbação e o adultério. E isso era ensinado para ao homem comum que freqüentava a igreja. Como também a transformação do pecado original em pecado social. O que a serpente disse à Eva? Foi de que se ela comesse a maçã, adquiriria uma parte da sabedoria divina. Era mais fácil convencer o homem que a ingestão da maçã era a cópula e daí o surgimento do pecado original. A orientação da igreja não foi pautada pelo conhecimento, pela verdade e sim pela fantasia, pela mentira que pudesse iludir o povo a acreditar naquilo que era mais interessante ao Poder.

A mulher é fraca e ela encontra no homem a força racional e nele se apóia – razão pela qual ela é sempre subordinada e deve estar sempre pronta para servi-lo. O homem dava provas de seu equilíbrio e de posse de seu discernimento mental. Além do mais é o homem quem produz o sêmen que dá continuidade à humanidade. Estes são fatos importantes para fazer do homem o Número Um em relação à fragilidade da mulher. Durante séculos essa era a crença da sociedade e somente há muito pouco tempo a mulher se libertou.

A Revolução Francesa

Este foi outro momento histórico da perda do Homem, numa revolução que se tornou um marco na origem da Idade Contemporânea. A França passava por grande dificuldade onde o Rei, não preparado para reger um país, deixou o povo na mais extrema miséria, enquanto em seu palácio, em Versailles, a nobreza vivia cercada de luxo e grande ostentação. Esse era o Rei Luiz de Bourbon, (1754 - 1793) que deixou o país em absoluto estado de miséria, o que provocou a revolução. Ele foi decapitado em 1793, quando tentava fugir. Alguns líderes revolucionários, como Robespierre, Marat e Danton, responsáveis pelo sucesso da revolução, não tiveram melhor sorte, pois com a queda da Bastilha e a morte do Rei, foram formados dois partidos, chamados de Girondino e de Jacobino; o primeiro admitia alguma proteção a nobres e o segundo, mais popular, defendia a causa de que o povo tinha que participar do poder. Robespierre e Danton foram decapitados, enquanto Marat, por sofrer de uma doença rara de

⁵ABELARDO Pedro, teólogo e filósofo francês que se tornou célebre por sua paixão por Heloísa.

pele e ter de permanecer mergulhado durante horas em uma banheira com ervas medicinais, foi apunhalado por Charlotte Corday, uma fanática aristocrata.

Um instrumento que tirou a vida de muitos franceses, a guilhotina, foi inventado por Joseph Guillotin, que também foi morto pelo seu invento, para que a morte se tornasse mais humana e mais rápida, do que os aparelhos de tortura usados na Idade Média. Esse aparelho serviu para decapitar 2.794 pessoas.

As guerras e revoluções, que sempre destruíram a vida de milhares de pessoas, arrasaram cidades inteiras sempre com intuito político ou interesse econômico.

A Segunda Guerra Mundial com informações da Primeira Guerra: as mortes e os crimes nas Guerras do século XX.

Primeira Guerra Mundial

É necessário, antes de discorrer sobre a Segunda Guerra mundial, lembrar também da Primeira Guerra e dos transtornos que ela causou para o mundo, e com o sacrifício de muitos corpos. O estopim deste conflito foi o assassinato de Francisco Ferdinando, príncipe do Império austro-húngaro, durante sua visita a Sarajevo (Bosnia). O criminoso era um integrante do grupo Sérvio, contrário a influência austro-húngara. Este Império não aceitou as medidas tomadas pela Servia com relação ao crime e em 28 de julho de 1914 e declarou guerra a Servia.

As batalhas se desenvolveram, sobretudo, nas trincheiras. Utilizaram pela primeira vez uma tecnologia bélica, como o uso de canhões, tanques e aviões. Essa guerra gerou aproximadamente dez milhões de mortos e o triplo de feridos.

Segunda Guerra Mundial

Conflito militar que aconteceu de 1939 a 1945 com a participação de vários países. Foram organizadas duas potências opostas, chamadas os "aliados" e o "eixo". Foram mobilizados mais de 100 milhões de militares. Os envolvidos nessa guerra devem a ela seus poderes econômico, industrial e científico. Esta Guerra foi marcada pelas centenas de ataques contra civis, incluindo o holocausto e o uso de armas nucleares. Foi um conflito letal da história da humanidade com perdas de aproximadamente 60 milhões de mortes.

A guerra teve início com a invasão da Polônia pelos alemães nazistas e a declaração da guerra pela França e pelos países do Império Britânico. Mais tarde, aderiram à guerra italianos e japoneses e por fim a União Soviética, sendo invadida pela Alemanha. Os Estados Unidos, quando foram atacados pelos japoneses no Pacífico em Pearl Harbor, também entraram na Guerra. A guerra terminou com a vitória dos "aliados" em 1945. A "Organização pelas Nações Unidas" foi estabelecida para garantir a cooperação global evitando futuros conflitos. Depois de vencida a Guerra conflitos surgiram entre a União Soviética e os Estados Unidos como superpotências rivais, preparando terreno para a Guerra Fria que se estenderia pelos próximos 46 anos.

Mortos e crimes da Segunda Guerra assinalam 60 milhões de pessoas morreram no conflito cerca de 40 milhões de civis e 20 milhões de soldados. Muitos morreram de doenças, fome, massacres, bombardeio e genocídios. A bomba atômica foi usada em dois momentos, a primeira, em Hiroshima no dia 6/8/1945 e, a segunda em Nagasaki no dia 9/8/1945, no Japão. Essa poderosa arma química foi responsável pelo término da guerra, com a rendição do Japão e, logo a seguir, a queda de Berlim e o anúncio da rendição do Eixo em favor dos Aliados. O holocausto foi o genocídio ou assassinato em massa, quando cerca de seis milhões de judeus morreram em câmaras de gás na Segunda Guerra Mundial por ordem de Hitler, o líder dos nazistas.

O corpo sob o olhar de pensadores

Aristóteles e as virtudes

A pergunta de Aristóteles, venerável pensador da antiga Grécia, é pertinente ao assunto em questão: "o ato de matar é um ato aceitável?" Para responder a essa pergunta, ele aborda a questão das virtudes que podem modificar a conduta do homem. Ou seja, o homem virtuoso é aquele que age bem. É aquele que respeitando o próximo sabe considerar a vida do outro. Lógico que ele desenvolve muito bem os ensinamentos da ética tão discutida entre os filósofos. O Homem virtuoso é um homem de ação, é um homem de conhecimento e que sabe distinguir o que pode perturbar as pessoas. Ele age bem sempre e essa ação nada tem a ver com regras. O homem virtuoso age por hábito, que é inerente em sua vida. Ele acerta não somente uma vez agir virtuosamente. Ele procura a mediana entre uma paixão por ausência de movimento e uma paixão por excesso de ação. E esse meio termo chama-se "virtude". Dentro dessa diretriz, ele acerta sempre. O homem virtuoso é coerente, sensato e procura sempre a verdade pura praticando a justiça, auxiliando os desfavorecidos. Matar outrem é um ato condenável.

Friedrich Nietzsche⁶ e os desprezadores do corpo em Assim falou Zaratustra

Na obra Assim Falou Zaratustra⁷ está a marca de Friedrich Nietzsche contra os desprezadores do corpo. Nos remotos idos da Grécia antiga, os pensadores da época discutiam a natureza humana formada por corpo e alma. E sabiam que enquanto o corpo era finito a alma recebia o legado de ser imortal. Zaratustra, o personagem criado por Nietzsche, mostra o pensamento desse filósofo e em nome dele discute a afirmação da existência da alma em plano superior, a favor da valorização de corpo e de seus instintos. Nietzsche, ainda usando esse mesmo personagem, fala da "alma", do "Eu", "da consciência", dos "conceitos", e também da "vontade" e do "querer". "Eu quero" utilizado para demonstrar um desejo, um "Eu" soberano que produz nossos pensamentos e ações. Segundo Nietzsche não é nem o corpo nem a alma, mas um conjunto de impulsos e de forças antagônicas em constante luta.

No discurso de Zaratustra sobre os desprezadores do corpo, primeiramente, devemos entender a dualidade metafísica corpo e alma. A criança em sua ingenuidade diz: "corpo e alma" sou eu. Mas o filósofo diz que a alma é algo difuso para o corpo. O corpo vive a explosão dos sentidos, da consciência, dos pensamentos e sentimentos e que se basta em si mesmo. Nietzsche diz que

⁶NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, célebre filósofo alemão (1844-1900).

⁷NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra - um livro para todos e para ninguém*. (tradução: Paulo César de Souza). São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

é na consciência que está o âmago do ser humano. Ele considera também a consciência como instinto de muita fragilidade e pouco durável, pois as ações humanas quase sempre resultam do inconsciente. Nossas reações de fortes sentimentos quando se expressam em nosso consciente, elas estão alojadas em nosso inconsciente, portanto residem em nosso próprio corpo. O corpo, segundo nosso filósofo em questão, tem a significância de vontades manifestadas pelo consciente, dominado pela força impulsiva do inconsciente. Portanto o corpo, segundo Nietzsche, não depende da alma. É um conceito bastante questionável, que ignora Deus.

Michel Foucault: os corpos dóceis em Vigiar e Punir

Na introdução de seu livro *Vigiar e Punir*, Michel Foucault⁸ se detém em falar do corpo e de seu uso político e social.

Começaremos com a descrição da tortura de Damiens, condenado em 2/3/1757, que é de uma crueldade bestial. No espaço público, ele foi transportado numa carroça, nu, apenas com uma camisola, até a porta principal da Igreja de Paris. Ele carregava uma tocha de cera acesa numa das mãos, até o patíbulo erguido em frente da igreja e ali ele foi atenazado nos mamilos, braços, coxas e barriga das pernas. Na mão direita segurava uma faca, objeto de seu parricídio, que foi queimada com fogo e enxofre. Nas feridas, foram despejados chumbo derretido, óleo fervendo e piche em fogo. Depois desse suplício, o corpo foi puxado e esquartejado pela força de quatro cavalos e com a ajuda dos torturadores cortando as virilhas; o corpo, sem os membros, foi queimado e suas cinzas jogadas ao vento. Este suplício é o resultado como o poder exercia sua força contra o homem inferior, criminoso, sem nenhum respeito à vida dele que, ao nascer ganhou um corpo tanto quanto o seu agressor. O supliciado não blasfemava, apenas dava gritos lancinantes, pedindo perdão e implorando proteção a Jesus. O cura de Saint Paul, solícito, não perdia nenhum momento para consolar o condenado.

Outros tipos de suplício são citados por Foucault em *Vigiar e Punir*. Para cada crime um estilo penal representava a prova de que a Justiça tradicional tem seus direitos de punir quem está em desacordo com as regras estabelecidas pelas leis do poder. Com o passar do tempo, houve o desaparecimento dessa forma de castigo, do corpo supliciado, e houve o aparecimento da humanização da pena. Portanto, desaparece o corpo torturado em público como alvo principal de repressão, embora acreditemos que as torturas continuassem entre quatro paredes, como acontecem até hoje.

Foucault cita também nesse livro "os corpos dóceis". Na época clássica, o corpo era usado como objeto do poder. O homem era manipulado pelas forças do governo e, quando havia interesse, esses corpos poderiam ser corrigidos por dolorosos exercícios físicos ou sofrendo nas mãos de cirurgiões nos hospitais. Mudavam-se as características físicas do indivíduo, não se incomodando com as dores que esses corpos estavam sofrendo, e os que eram submetidos a isso eram chamados por Foucault de "corpos dóceis", adestramento visando a homogeneização de comportamentos.

Nossa escolha de Foucault neste trabalho deve-se ao fato desse conceituado filósofo ter investigado esse homem em sua existência social e política. Descreve os soldados valentes, reconhecidos pelos seus braços, pelo porte, através de uma postura corporal com os sinais de sua valentia, no qual mostra o orgulho de ter sido escolhido para representar a sua pátria com coragem e honradez. E com isso entra toda uma questão do posicionamento do homem que

⁸Michel Foucault, *Vigiar e Punir*. (tradução: Raquel Ramalhete). Petrópolis/RJ, Vozes, 2013.

nasceu com um físico privilegiado ou não. Ainda segundo as informações de Foucault, no século XVII, foram diminuindo os crimes com derramamento de sangue talvez pela influência do castigo. De qualquer maneira houve o aparecimento de justiceiros, que assim agiam quando eles se deparavam com ladrões, com os vigaristas e os que ficavam vadiando nas ruas ou nas estradas. O autoflagelo foi muito incentivado pelas leis religiosas que ensinavam a autopunição, para libertar-se dos pecados e ganhar o perdão e ir para o paraíso, tão divulgado pelos sacerdotes das igrejas.

O poder do Homem na História da Humanidade e o seu direito de morte sobre seu semelhante encontra-se no que foi o pater-potesta. A história da humanidade em muitos aspectos se distância do contemporâneo, o que causa muita estranheza. O pater-potesta, assim chamado, era uma lei na qual o pai de família exercia o direito de dispor da vida de seus filhos, da vida de sua mulher, dos seus escravos ou de seus animais, se ele encontrasse fortes motivos para eliminar qualquer um desses subalternos, apoiado pela lei pater-potesta. O senhor era isento de qualquer julgamento, homem livre, educado e preparado para ser o chefe de família, ele tinha inclusive preparo cultural. Sabia ler e escrever; estudava música, praticava esportes, conhecia a pintura, a escultura etc. Esse preparo foi-lhe dado pelo seu soberano, pois afinal ele poderia vir a ser escolhido para ser o governante de alguma província daquela nação; como também, ele poderia participar da vida política como cidadão, no espaço público da cidade, numa relação ética de igualdade entre seus pares. No espaço privado, a família subordinada a ele ficava em casa. A mulher era responsável pela economia do lar, respondia pela educação dos filhos, dos escravos e cuidava também dos animais. Se o pai fosse ameaçado por um de seus subordinados ele tinha pleno direito sobre seu corpo, sua vida e conseqüente morte.

No Capítulo III de Vigiar e Punir observa-se um conjunto de regras de controle diante de situações sociais, chamado por ele de Panoptismo – o olho do poder que tudo vê.

Ainda sobre o ponto de vista do salvamento ou condenação dos corpos, conhecemos no século XVII, leis que visavam proteger o homem, especialmente quando uma peste assolava uma cidade ou um país. Com a preocupação de a peste exterminar toda cidade ou nação, pensou-se numa proteção exacerbada, que fez do homem um prisioneiro em sua própria casa, sob pena de morte daqueles que não obedecessem tal lei. Havia um fechamento obrigatório da cidade, as pessoas ficavam confinadas em suas residências, as chaves na mão do intendente que só abria as portas depois de vencida a quarentena. Semanalmente, cabia ao síndico daquele bairro visitar as casas e verificar se alguém estava doente, ou se havia algum morto dentro de casa. Cada família era responsável pelas suas provisões (alimento e água). Aparentemente o governo parecia empenhado em proteger o povo, mas na realidade a forma massacrante desse poder tornava o homem refém das ordens do governo, mais uma vez mostrando o poder do homem sobre o outro.

Visões da Velhice

Morangos Silvestres de Ingmar Bergman

Ainda sobre o corpo do idoso, registra-se aqui um filme do genial cineasta sueco Ingmar Bergman *Morangos Silvestres*, onde ele retrata suas memórias tristes com experiências dolorosas voltadas para o passado. A reflexão da personagem, um professor idoso registra em sua mente as dores de uma juventude que, lamentavelmente, já estava muito distante. A reminiscência de um velho ajuda a colocar à mostra as fraquezas na conduta humana, as faltas

de observação, de discernimento e de equilíbrio. Em geral, o homem nunca acha necessário ter uma Gratidão pelo que recebe, seja do pai ou de um amigo ou mesmo de um estranho. São ingratos!

Um olhar desvendando as fibras da alma, a doutrina de uma amizade sincera, o amor pela família, só a idade pode oferecer. E isso acontece tardiamente quando já não há possibilidade de recuperar o passado, reparando os desacertos cometidos, as desatenções, as injustiças, os ciúmes doentios, a inveja e outras dezenas de sentimentos e emoções em que em nada contribuíram para o seu crescimento, para sua paz interior⁹.

Rei Lear de Shakespeare

*"A velhice é o fardo pesado que o ancião torna-se para sua família, mesmo que o idoso seja um sábio e bondoso soberano monárquico, como é o caso do Rei Lear."
"É nossa firme decisão diminuir o peso dos anos, livrando-nos de todos os encargos, negócios e tarefas, confiando-os às forças mais jovens, enquanto nós, liberados do fardo, caminharemos mais leves em direção à morte"¹⁰.*

Nem a idade e nem a experiência deram ao monarca o discernimento que o fizesse perceber o engodo que cairia ao realizar em vida, a execução de seu testamento, distribuindo às filhas de má índole e adadoras, e destituindo a outra que "diz amar o rei como uma filha ama um pai", sem nenhuma bajulação.

Ele foi traído pelas filhas más e foi difícil suportar seu engano causado por sua profunda ingenuidade, confirmando, assim, que a velhice nem sempre é sinônimo de experiência, equilíbrio e sabedoria.

A velhice: as relações com o mundo de Simone de Beauvoir

Verifica-se no livro *A Velhice* de Simone de Beauvoir¹¹ – essa corajosa mulher, que sempre soube com muita competência mostrar as condições da mulher à disposição de colocar em cena os problemas da velhice.

Ela mostra que esses problemas não são os mesmos para todos os idosos e nem estão em todo lugar, em toda a parte, em toda época. A situação dos velhos depende do país e da época onde esses velhos vivem, pois os conceitos variam muito de lugar para lugar ou de época para época. Um idoso vivendo no Primeiro Mundo e numa classe privilegiada difere do idoso, que depende de sua situação financeira ou da situação climática do local onde vive ou mesmo de sua cultura.

⁹"A intenção de Bergman neste exercício consiste em captar os sentimentos e a psicologia de um homem na velhice". In: BorlespCrowther, "The New York Time", 23 de junho de 1950.

¹⁰Falas de Lear na peça *O Rei Lear* de William Shakespeare (tradução de Millor Fernandes). Porto Alegre, Coleção Poket L&PM, 2001.

¹¹BEAUVOIR, Simone de. *A velhice II - As relações com o mundo*. (Tradução: Heloísa de Lima Dantas). São Paulo/ SP, Editora Difusão Européia do Livro, 1970.

Em geral, os velhos fixam seus pensamentos no passado com lembranças vivas do que aconteceu há tanto tempo. Isso torna muito difícil aceitar no presente a dura realidade com tantos problemas de memória, de audição ou qualquer dificuldade de locomoção.

Ela fala também dos desejos sexuais do idoso, considerando os que acham que o idoso se sente sereno por ter se libertado desses desejos. Nesse livro aparece também quem nunca consegue se livrar dessas paixões carnavais e precisa encontrar o prazer em uma governanta ou cuidadora ou em um rapaz de aluguel, que se preste a esse tipo de serviço. Ela comenta que "essa imagem de velho lúbrico é grotescamente encarado com certo mal estar pela sociedade".

No capítulo II, Tempo, Atividade, História de A velhice, na página 99, encontra-se uma citação de Sartre: "(...) o futuro é quem decide se o passado está vivo ou não". Ainda na mesma página do referido livro encontra-se "o Homem cujo projeto é progredir, desprende-se do passado, define seu Eu como um Eu que já não existe e dele se desinteressa (...). E segue seu rumo sem nenhum questionamento".

Esta cultuada escritora aborda também a figura do idoso já com decrepitude mental, em que a indiferença já há muito havia sufocado suas ambições, seus sonhos. E parte para o final, quase inconsciente, para a morte que surge de forma irreversível: "(...) o velho busca defender-se contra a precariedade de sua situação e contra sua ansiedade íntima; a maioria de suas atitudes deve ser interpretada pelo menos em boa parte como defesa (...) ¹²".

Depoimentos de pessoas idosas

1º depoimento: Nadir Lima, psicóloga com 73 anos.

"A velhice é um estágio de vida que completa o ciclo de nossa existência no planeta Terra. É o ponto de acumulação da experiência humana com toda a alegria e dor que nos é dada. Poderíamos dizer que esse estágio é o essencial da estória que vivemos, mas a complexidade humana vai além de permitir uma conclusão, e eis aí o grande mistério. A rapidez com que o tempo nos leva a esse estágio final nos amedronta: um dia olhamos no espelho e vemos um rosto jovem com pele macia como um pêssego e um par de olhos vibrantes; no dia seguinte, olhamos de novo no espelho e lá está um rosto envelhecido, marcado por rugas profundas e dois olhos embaçados nos fitando. Chegamos nesse último estágio com pouca ou sem nenhuma percepção que não conseguimos conquistar a dúvida, o medo e as infinitas formas de desejo. Acima de tudo lembramos com certo pavor que no final dessa estrada, teremos que atravessar o portal para o grande desconhecido".

2º depoimento: Regina Ramos Paiva, jornalista, dramaturga e crítica de teatro.

E assim vou vivendo!

- A vida é boa para os idosos?

- Depende. Se você for sedentário, não gostar de ler, de ir ao cinema, de viajar, de conviver com os amigos, certamente será péssima. Se for sedentário, vai ter dores, achaques, as juntas vão

¹²Ibidem.

ficando cada vez mais duras, o passo mais lento e aí é um saco! Com dor não dá para ir ao cinema, ao teatro, fazer visitas, viajar, nem prestar atenção na leitura.

- Quer dizer que esta velhinha aqui – de quase 82 anos – não tem dores, nunca?

- Claro que tenho! Outro dia fiz um bate-e-volta a Jaquehy, 300 quilômetros ao todo e a lombar reclamou. Mas o Gustavo, meu personal trainer, logo deu jeito: alonguei, alonguei, alonguei e fiquei nova outra vez. Guiar, durante mais de duas horas, me deixa acabada. Mas me conserto logo. O joelho, há quatro anos, doía muito. Coloquei prótese. Sou biônica. A visão ficou ruim faz 30 anos – tive um derrame sub-retiniano num olho e perdi quase toda a visão – mas botei óculos, faço exames regulares e como vejo bem de um olho e tenho visão periférica no outro dá pra guiar, ler, viajar, saçaricar por aí. Também tive um sarcoma no mesentério há 19 anos. Cinco anos depois fui considerada curada. Um susto!

- Tudo isso são desgraças?

- Nada disso! Escapei de tudo e continuo aqui, bela e formosa, quer dizer, nem tão bela nem tão formosa – as rugas chegaram! – mas vou me virando. E leio, viajo, vou ao cinema, curto os amigos, faço novas amizades, hidroginástica, musculação, eu adoro restaurantes. E escrevo. Escrevo, escrevo, escrevo. O segredo é não se entregar. Muita gente pode argumentar que para ir aos cinemas e teatros, comprar livros, ter aulas de hidroginástica e musculação e viajar é preciso grana. Concordo. No meu caso, pra ter todas essas atividades não posso deixar de trabalhar. Apesar da aposentadoria, pois o que a porcaria nojenta do INSS me paga só dá para os meus remédios e para pagar o condomínio. A raiva que tenho do governo e do INSS é tanta que me dá ânimo pra viver mais e sacaneá-los sempre que posso. A sacanagem se resume a meter o pau neles, isso funciona pra mim como válvula de escape. Pra eles tanto faz como tanto fez, estão se lixando para os idosos. E muito menos para o que falo deles. Para os políticos, nós os idosos deveríamos morrer logo. Aliás, um ministro do Japão teve a coragem de manifestar sua opinião a respeito disso. Os daqui são tão covardes que não prestam nem para isso, pra dizer o que pensam... Mas querem que a gente morra, sim! E eu morro? Aqui, ó!

E aí tenho o prazer de dizer que isso tudo é uma vergonha, um despautério, uma safadeza a toda prova, isso que se paga aos aposentados neste país. Faço questão de dizer isso em artigos, entrevistas, bate-papos, e-mails e no Facebook. São salafrários e ordinários, políticos safados que não corrigem a situação dos aposentados. Não querem ver que o idoso gasta em remédios, ele tem que se alimentar pagar médico ou ir ao SUS e esperar meses por uma consulta ou cirurgia, distrair-se, pagar aluguel, condomínio, IPTU, IPVA, IR, ISS, taxa de lixo, pedágio, juros, bancos, o diabo a quatro.

Não lhes passa pela cabeça corrigir isso. Só corrigem os próprios salários. Só prestam para engordar a corrente dos que praticam corrupção. E então continuo trabalhando pra viver! Graças a Deus tenho saúde pra tanto, do contrário estava frita. Tenho saúde, energia, sei xingar, protesto, leio jornais e mando cartas de desabafo, vou a passeatas contra corrupção, se tiver comício podem me convocar, protesto contra tudo o que acho errado e assim vou vivendo. Com meus 82 anos (daqui a um mês!) meus livros, meus CDs, meus amigos, minhas sobrinhas queridas, meu sobrinho bisneto, meus escritos e recentemente com meu Facebook. Onde despejo o que estou sentindo!

- Uma vez uma pessoa idosa se queixou pra mim: “O chato de viver muito tempo, de ser velho, é que não acontece mais nada na minha vida”!

- Problema dele! Na minha acontecem coisas todos os dias! No sábado, dia 2 de fevereiro, vou fazer uma tarde de autógrafos de um novo livro – a peça de teatro “E agora, o que eu faço com o pernil?” – encenada pela Rosamaria Murtinho de 2004 a 2006 e que a Giostri Editora transformou em livro.

E logo, logo estarei inventando outra coisa. A vida é boa e divertida, vou ver os amigos nesse dia e estarei sorrindo largo, rasgando a cara de boca a boca!

3º depoimento: José Luiz Bigoni, nascido em 23/04/1940

“O que sinto hoje com relação a minha idade?”

Bem, se for falar de idade posso dividir em várias idades:

Idade cronológica: estou colhendo hoje no corpo a poupança que investi em saúde e bons hábitos nos anos que ficaram para trás;

Idade psicológica: uma certa briga entre o que sinto e o que o espelho mostra, pois enquanto o corpo vai chegando à reta final, minha alma ainda anseia realizar coisas;

Idade onírica: como mecanismo de compensação interna, viajo às vezes ao passado para fazer um paralelo entre o que vivi e o que estou vivendo hoje e agora, como forma de sustentação existencial.

E quanto aos rótulos que existem por ai para mascarar a realidade da idade, tais como terceira idade, melhor idade etc, não me deixo enxovalhar por apelidos hipócritas que a sociedade inventa para tentar me alegrar. Enquanto minha lucidez estiver ativa, educadamente, no ônibus vou pedindo licença para ocupar meu banco de encosto amarelo, que é um direito meu que poucos respeitam. O resto são estórias para boi dormir. Tenho dito.”

4º depoimento: M. Anésia Badaró, aluna do Grupo da Terceira Idade do Centro de Convivência do Parque da Água Branca, São Paulo, em 5/9/2014

“São vinte e duas horas e já estou preparando-me para dormir o sono difícil daqueles que viveram profundas experiências de alegrias e tristezas, esperanças e decepções, amor e paixão. São nestes momentos, entre alegria e vigília, o sono que sonho e realidade se misturam numa dimensão mágica e o tempo não existe, onde segundos parecem séculos, que minhas lembranças enxergam sorrateiramente, procurando me afligir com saudades daqueles que tanto amei e que se foram levados como nuvens ao vento. Lembranças que me questionam se fiz o melhor que pude ou, como diz o poeta, se deixei de ser o esplendor que gostaria de ter sido.

Neste momento, porem, quando estou prestes a sucumbir aos sentimentos simplórios da personalidade, tecidos pelo ego nosso de cada dia e que comumente nos torturam, algo maior se sobrepõe, mais forte e bondoso e invade todo o meu ser. Sua luz ilumina a minha mente, que naquele instante se confunde com minha alma.

Então as lembranças se transformam em uma peça de teatro e aqueles que passaram pela minha vida em personagens e passo a ver a mim mesma interagindo também como personagem neste mágico enredo que se apresenta no Teatro da Vida.

E tudo se torna perfeito, pois cada qual faz sua parte dando o melhor de si e no final, sem magoas, todos se cumprimentam, perguntando uns aos outros: fiz bem o meu papel de algoz? Fiz bem o meu papel de amante? Fiz bem o meu papel de mãe? Fiz bem o meu papel?

Fecho os olhos tranqüila e adormeço consciente de que a vida é para ser vivida como num palco, às vezes repleto de luzes coloridas e às vezes escuro.

Sei que quando eu despertar amanhã despertarei feliz, cheia de vontade de viver, cumprimento o Sol e banho-me no seu calor, reconfortante e protetor.

Vou continuar acertando e errando, já que sou humana, mas encarando minhas lembranças de frente e fazendo delas aliadas comigo na construção de meu novo enredo, cujo tema principal é: amemos uns aos outros, assim como Ele nos amou.

Hoje anos vividos intensamente com filhos e netas saudáveis, só tenho a agradecer a Deus, que me permitiu participar desse grande espetáculo neste planeta tão lindo, onde espero ficar por muitos e muitos anos.

Feliz Idade de Ouro!”

5º depoimento: Grupo de Teatro de Idosos do Parque da Água Branca

A experiência vivida com o “Grupo de Teatro de Idosos do Parque da Água Branca”, nesta capital de São Paulo, é curiosamente fascinante, quando você pode perceber o paradoxo de comportamentos entre eles e no qual inúmeras vezes também me incluo.

Há sempre uma explosão de atitudes, ora de alegria, ou tristezas, reclamações, brigas, cansaço e outras vezes demonstração de carinho, de amor, de solidariedade. Querem ter no palco um bom resultado e mostrar para suas famílias e amigos do que ainda são capazes.

Sei que muitos deles deixam para trás problemas familiares, pessoas doentes ou eles próprios se esquecem das dores nas costas, nos joelhos e lá estão andando, dançando, cantando e, naqueles sagrados momentos, felizes!

O resultado se torna coletivo, mas cada um tem sua personalidade bem definida, preservada. E nós, nesse aglomerado de seres ainda respirando o néctar da vida, vamos vivendo com toda nossa gratidão, certos que nossa alma não tem cabelos brancos.

A morte

Alguns filósofos discutem o significado da vida, do sexo e da morte.

Escolhemos Michel Foucault, por não entendermos também, até agora, os mistérios do sexo, deles fugindo, camuflando, temendo! O sexo nas matérias dos livros, jornais, revistas, internet

não evidencia a pura realidade. Diz-se que o sexo pode ter o interesse do prazer, da procriação e também interesses econômicos. Mas há uma infinidade de indagações que inúmeras vezes povoam os consultórios médicos e aí comparecem, além de jovens, adolescentes e idosos.

Ao realizar este trabalho, tenho a certeza de que quem detém o poder em suas mãos faz o que quer com o corpo do outro, do subjulgado. Este processo de tortura física ou moral causa repulsa e incompreensão. Então voltemos a Michel Foucault para citar, mais uma vez, o “direito de morte e poder sobre a vida”.

A vida é um bem supremo! Já li isto muitas vezes! Em qualquer época. Ao ler Michel Foucault, confirmei o que venho sentindo, o amor incondicional pela vida e o desejo de ainda viver por um bom tempo!

A idéia de que corremos riscos e que podemos deixar a vida a qualquer momento e enfrentar essa desconhecida morte, que ronda nossos passos diariamente, me enche de pavor! Não tivéssemos uma vontade imperiosa e já teríamos sucumbido. Nas palavras de Foucault sobre “o direito à vida” na época antiga dos romanos, da velha "patria potestas," concedia-se aos pais o direito de vida e de morte de seus filhos. Não se admitia que um filho fosse contra seu pai e a obediência tinha que ser plena, caso contrário pagaria com sua própria vida, fato já citado neste trabalho.

Cultuamos o amor ao próximo e o muito próximo pode ser nossos filhos. A história nos conta fatos dolorosos, mas sabemos que nos dias de hoje, com todo progresso, esses momentos terríveis ainda acontecem.

Mesmo assim sabemos que a vida é plena e o amor é de uma grandeza infinda. Aprendemos a amar a família, os vizinhos, o amigo, as plantas, os animais. Concordo com quem diz: "A vida é bela, esplendorosa". Os jovens, coitados, ainda não a perceberam, ocupados que estão com atribulações e obstáculos encontrados em seus caminhos! Estão na estrada das competições, do desejo de vencer, de autoafirmação. Enfrentam a concorrência de seus próprios pares e os desmandos de um mau governo! Já para os idosos, os lucros, os ganhos, só existem na lembrança agradável dos eventos familiares e profissionais.

Assistindo a um DVD feito pela BBC de Londres, A History of Britain, que mostra a terra cercada de águas e sendo ela um charco, inabitável, repleta de ouro, pedras preciosas e as águas jorrando pérolas, mas de repente, a terra completamente conspurcada com o aparecimento de homens ambiciosos, que lutam até a morte para possuir aquelas terras. Onde hoje é progresso, pode-se sentir sob os gramados verdes o amontoado de cadáveres do povo antigo, que repousam indiferente aos olhos contemporâneos.

Com toda barreira que a vida nos impõe, ainda viver é o melhor acontecimento e continuo acreditando, emocionada, que mais um dia é sempre um grande presente. Vejo em meus mestres, doutores, a paixão crepitante nos colocando e ensinando a seguir os caminhos tortuosos da vida! Isso é fascinante! E a morte? Intrigante como sempre! Especialmente se perdermos a vida de forma violenta, num desastre ou na guerra.

O filósofo Epicuro, no pensamento antigo, dizia "não devemos temer a morte, porque nunca vamos nos encontrar – se estamos vivos, ela não está; se ela está, não somos mais".

E a morte quando chega trás a angustia para quem ainda vive. Para o moribundo a passagem pode ser amena, sem dor e o que ele deseja é que tudo aconteça rapidamente.

Vivenciar a morte de um ente querido pode ser um momento muito doloroso, mas pode ser também um instante de imensa luz divina. Tivemos essa experiência! Uma vida se esvaindo, uma luz inundando o quarto, e lá fora trabalhadores construindo sob o sol na plenitude da vida!

É a vida e a morte se beijando em Paz com doçura e delicadeza.

Considerações Finais

Encerramos o presente trabalho, com a esperança de que para alguns corpos os males passam como o vento, esquecendo os momentos inglórios e sabendo que, apesar de tudo, o importante é viver, pois viver é ainda a melhor maneira para enfrentar o medo do desconhecido.

Ao acreditar na vida, estamos espantando os medos que nos aprisionam e que podem fazer de nós presas fáceis para quem queira nos dominar. E o itinerário, para sobrepujar os mecanismos de poder, deve partir da filosofia, passar pela arte até chegar à ética que, alicerçada no desejo de paz, cultuando o amor, respeitando o outro, e não se deixando dominar por ninguém, é capaz de dar sentido à vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice – as relações com o mundo* (tradução de Heloysa de Lima Dantas). São Paulo/SP, Difusão Européia do Livro, 1970.

CROWTHER, Borlesp. "The New York Time", 23 de junho de 1950.

EURÍPEDES. *Ifigênia em Áulis; As fenícias; As bacantes* (tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury). Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

FOUCAULT Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber* (tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque). Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT Michel. *Vigiar e punir*. Título do original francês: *Surveiller et punir/ Vigiar e Punir – direitos de publicação em língua portuguesa no Brasil* (tradução de Raquel Ramallete). Petrópolis/RJ, Editora Vozes Ltda, 1997.

LE GOLF Jacques & TURONG Nicolau. *Uma História do Corpo na Idade Média* (tradução de Marco Flávio Perez). Rio de Janeiro/RJ, Civilização Brasileira, 2012.

NIETZSCHE Friedrich. *Assim Falou Zaratustra* (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

SHAKESPEARE, William. *O Rei Lear* (tradução de Millor Fernandes). Porto Alegre, Coleção Poket L&PM, 2001.

